

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	-8. FEV. 1980	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

OS SETE SENTIDOS

José Carlos de Vasconcelos



Um nome para a esperança

O que se passou, terça-feira à noite, na Voz do Operário, foi das coisas mais belas ou mais bonitas a que tenho assistido nestes últimos tempos. São estas as palavras que se me impõem — das coisas mais belas ou mais bonitas. E se a estas palavras outras se lhe juntam, não são nenhuma das coisas mais belas ou mais bonitas. E se a estas palavras outras se lhe juntam, não são nenhuma das coisas mais belas ou mais bonitas. E se a estas palavras outras se lhe juntam, não são nenhuma das coisas mais belas ou mais bonitas.

Não. As palavras que naturalmente me afloram aos lábios, ou deslizam no papel branco, são aquelas que sinto estarem mais próximas de exprimirem o que se viveu naquela noite quente e luminosa de Inverno. O que se viveu num velho casarão a

transbordar de gente e solidariedade, em que um cravo vermelho na mão voadora de uma pequena mulher de olhar generoso e vivíssimo, um cravo vermelho arremessado a quem o fez florir no peito do povo português numa madrugada de Primavera, semeou a emoção e acendeu a memória de um passado, que é ele todo futuro, entre tantos e tantos, talvez todos, que com a força e a pureza do primeiro dia («o dia inicial, inteiro e limpo») cantaram a Grândola e gritaram — 25 de Abril! 25 de Abril!

Palavras que são: fraternidade, esperança, limpeza. Palavras que são: justiça, liberdade, alegria. Palavras que são todas aquelas que andam na boca, saídas do coração, de quantos acre-

ditam ser possível «transformar o mundo» e estar nas mãos de todos nós fazê-lo; de quantos têm a certeza que, apesar de tudo, a vida merece a pena ser vivida e a vivem com alegria e o entusiasmo de quem prossegue uma luta comum por uma vida melhor e mais justa para todos. Palavras que são, ainda, muitas outras. Que têm a ver com clareza e clareza, com frontalidade, com atitudes limpas, com os valores maiores, integralmente assumidos, que os Evangelhos ensinam, que são os de Cristo, e não dos que o negam — tantas vezes em seu nome e invocando até a representatividade de uma certa Igreja indigna desse nome.

Palavras, por tudo isto, que ao olhar para aquela pequena mulher de cravo vermelho na mão voadora e olhar generoso e vivíssimo, me fizeram lembrar os versos, muitos versos — cheios de luz e limpeza, de nitidez e clareza, de sol e de mar — de outra mulher, Sophia de Mello Breyner. E, também, estes, que Sophia escreveu sobre Catarina, mas em larga medida se aplicam

a esta mulher enxovalhada, injuriada, perseguida por todos aqueles para quem é um crime, ou um grave defeito,

Pois não deste homem por ti
E não ficaste em casa a cozinhar intrigas
Segundo o antiquíssimo método obliquo das mulheres
Nem usaste de manobras ou de calúnia
E não serviste apenas para chorar os mortos

Tinha chegado o tempo
Em que era preciso que alguém não recuasse
E a terra bebeu um sangue duas vezes puro
(...) E a busca de justiça continua

Esta mulher, com quem eu falei apenas duas vezes, e agora, mais do que nunca, me apetece tratar, familiarmente, apenas por Maria de Lurdes, sem lhe acrescentar o apelido, e muito menos lembrar que foi primeiro-ministro deste país. Mas sem esquecer a forma como o soube ser e o modo como, por isso, então e agora, foi e é vilipendiada pelos que fazem do ódio e da mentira o seu alimento, e do combate à liberdade e à justiça social o seu objectivo.

Não obstante isto, não obstante o acto vergonhoso de se pretender exonerá-la do cargo de embaixadora de Portugal na UNESCO, Maria de Lurdes manteve, a tal

sua constante atitude de dignidade moral, honestidade e generosidade de propósitos e «busca de justiça»:

propósito, o mais absoluto silêncio, numa atitude de elevação, de serenidade e superioridade moral admiráveis. A menor resposta, ou sequer alusão, saiu de sua boca, ao longo de uma fala sem ressentimento, cheia de alegria sã e do entusiasmo contagiante de sempre.

Uma fala, sem uma só referência, directa ou indirecta, à política, antes situando-se no campo em que a política devia assentar e ir exclusivamente beber (mas não vai): o da moral, do humanismo, da fraternidade. Assumindo-se inteiramente como cristã, reivindicando os verdadeiros valores do cristianismo — e até por isso negando distinções falseadas entre crentes e não crentes — perante uma pequena multidão de pessoas na sua

imensa maioria também cristãs, Maria de Lurdes, além do mais, prestou um grande serviço à Igreja deste país (como os minimamente sérios e inteligentes a reconhecerão) e fez-nos de novo reencontrar, em plena pujança, aqueles autênticos católicos, que são da gente melhor e mais generosa de quem tive a alegria de, muitas vezes, ser companheiro.

E fez-nos, sobretudo, reencontrar de novo, e uma vez mais, com a esperança. Esperança que se alicerça também numa certeza: os homens e as mulheres de boa fé e boa vontade que defendem, no essencial, os mesmos grandes valores da liberdade e da justiça, ainda que sobre eles não tenham conceitos absolutamente coincidentes ou não propugnem os mesmos meios para os atingir, poderão ser capazes, nos momentos decisivos, de se unir, e unindo-se vencerem a sua luta para transformar este mundo num mundo melhor. Para, antes de mais, fazer um Portugal melhor. O que pressupõe realizar os projectos e os sonhos de Abril, que também eles fizeram transbordar de solidariedade o velho casarão da Voz do Operário, numa noite quente e luminosa de Inverno.